

O ESPELHO

Revista de litteratura, modas, industria e artes

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE, F. ELEUTERIO DE SOUSA.

SUMARIO.—Aquarellas, Os fanqueiros litterarios.—Romance, Amor de mãe.—Amor e morte (lenda).—As cabelleiras.—Revista dos theatros.—Poesias, O pranto da innocencia.—O retrato de Corina.—Chronica elegante.—Noticias á mão (Chronica da semana).

Aquarellas.

I.

OS FANQUEIROS LITTERARIOS.

Não é isto uma satyra em prosa. Esboço ligeiro apanhado nas projecções subtils dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do tipo a que chamo em meu fallar secco de prosador novato — fanqueiro litterario.

A fancaria litteraria é a peior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se accommoda a ondulações das espaldas do paciente freguez. Ha de tudo nessa loja manufactora do talento — apezar da raridade da tela fina; e as vaidades sociaes mais exigentes podem vasar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes.

A fancaria litteraria poderá perder pela elegancia suspeita da roupa feita — mas nunca pela exiguidade dos generos. Tomando a tabuleta por base do syllogismo commercial é infallivel chegar logo á preposição menor, que é a prateleira guapamente atacada a fazer cubiga ás modestias mais insuspeitas.

E' um lindo commercio. Desde José Daniel o apostolo da classe — esse modo de vida tem alargado a sua esphera — e, por mal de pecados, não promette ficar aqui.

O fanqueiro litterario é um typo curioso. Falei em José Daniel. Conheceis esse vulto historico? Era uma excellente organisação que prestava perfeitamente á autopsia. Adélo am-

bulante da intelligencia, ia *farto como um ovo*, de feira em feira, trocar pela azinhavrada moeda o frutinho enfesado de suas lucubrações litterarias. Não se cultivava impunemente aquella amizade; o folheto esperava sempre os incertos, como a Pharsalia hebdomadaria das bolsas mal avisadas.

A audacia ia mais longe. Não contente de suas especulações pouco airochas, levava o atrevimento ao ponto de satyrisar os proprios freguezes — como em uma obra em que embarcava, diz elle, os tolos de Lisboa para uma certa ilha; a ilha era, nem mais nem menos, a algibeira do *poeta*. E' positiva a applicação.

Os fanqueiros modernos não vão á feira; é um pudor. Mas que de compensações! Não se prepara hoje o folheto de applicação moral contra os costumes. A vereda é outra; explora-se as folhinhas e os pregões matrimoniaes e as odes chovem em louvor deste natalicio ou daquelles desposorios. Nos desposorios é então um perigo; os noivos tropeçam no impestivo de uma rocha Tarpeia antes mesmo de entrar no Capitolio.

Desposorio, natalicio ou baptizado, todos esses marcos da vida são pretextos de inspiração ás musas fanqueiras. E' um eterno *genesis* a referver por todas aquellas almas (*almas!*) descendentes de zuarte.

Entretanto esta calamidade litteraria não é tão dura para uma parte da sociedade. Ha quem se julgue motivo de cuidados no Pindo — assim com pretenções a semi-deus da antiguidade; é um soneto ou uma allocução recheadinha de divagações acerca do *genesis* de uma raça — sempre eriça os collarinhos a certas vaidades que por ahí pululam — sem tom nem som.

Mas entretanto — fatalidade! — por muito consistentes que sejam essas illusões cahem sempre diante das consequencias pecuniarias; o fanqueiro litterario justifica plenamente o verso do poeta; *nãoarma ao louvor, arma ao dinheiro*.

ro. O entusiasmo da ode mede-o elle pelas probabilidades economicas do elogiado. Os banqueiros são então os archetypos da virtude sobre a terra; these difícil de provar.

Querendo imitar os espiritos serios lembra-se elle de collecionar os seus disparates e eil-o que vai de carrinho e almanak na mão — em busca de notabilidades sociaes. Ninguem se nega a um homem que lhe sóbe as escadas convenientemente vestido, e discurso na ponta dos labios. Chovem-lhe assim as assignaturas. O livrinho se promptifica e sahe á lume. A theoria do embarcamento dos tolos é então posta em execução, os nomes das victimas subscriptoras vêri sempre em ar de escarneo no pelourinho de uma lista — epilogo. E' sobre quēda couce.

Mas tudo isso é causado pela falta sensivel de uma inquisição litteraria! Que spectaculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto opio encadernado que por ahí anda enchendo livrarias!

Acontece com o talento o mesmo que acontece com as estrellas. O poeta canta, endeossá, namora esses pregos de diamante do docel asul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astronomo que diz muito friamente — nada! isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etherea — são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com agua.

Até aqui as massas tinham o talento como uma faculdade caprichosa, operando ao impulso da inspiração, santa sobretudo em todo o seu pudor moral. Mas cá as espera o fanqueiro; nada! o talento é uma simples machina em que não falta o menor parafuso, e que se move ao impulso de uma valvula omnipotente.

E' de desesperar de todas as illusões!

Em Paris onde esta classe é numerosa ha uma especialidade que ataca o theatro. Reunem-se meia duzia em um café e ahí vão elles de collaboração alinhavar o seu *vaudeville* quotidiano. A esses milagres de faculdade produtiva se devem tantas banalidades que por la rolam no meio de tanto e tão fino espírito.

Aqui o fanqueiro não tem por ora lugar certo. Divaga como a abelha de flor em flor em busca de seu *mel* e quasi sempre, mal ou bem, vai tirando succulento resultado,

Conhece-se o fanqueiro litterario entre muitas cabeças pela extrema cortezia. E' um *tic*. Não ha homem de cabeça mais mobil, e espinha dorsal mais flexivel; — comprimentar para elle é um preccito eterno; e eil-o que o faz á direita e á esquerda; e causa natural! sempre lhe cahe um freguez nessas cortezias.

O fanqueiro litterario tem em si o thermometer das suas alterações financeiras; é a elegancia das roupas. Elle vive e trabalha para comer bem e ostentar. Bolsa florescente, eil-o *dandy* apavoneado — mas sem vaidade; lá protesta o chapéo contra uma asserção que se lhe possa fazer nesse sentido.

A Buffon escapou esse animal interessante; nem Cuvier lhe encontrou osso ou fibra perdidos em terra ante-diluviana. Por mim que não faço mais que reproduzir em aquarellas as formas grotescas e *sui generis* do typo, deixo ao leitor curioso essa enfadonha investigação.

Uma ultima palavra.

O fanqueiro litterario é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos. Este moer continuo do espirito que faz da intelligencia uma fabrica de Manchester, repugna á natureza da propria intellectualidade. Fazer do talento uma *machina*, e uma *machina* de obra grossa movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciencia.

Procurem os caracteres serios abafar esse *estado no estado* que compromette a sua posição e seu o futuro.

M-as.

AMOR DE MÃI

ROMANCE ORIGINAL

POR

M. DE AZEVEDO.

(Continuação do n. 1.)

CAPITULO II.

O CIUME.

Dissemos que poucos, bem poucos tinham compreensão da pobre douda. Entre esses, que saíam ter uma lagrima de compaixão por essa infeliz mulher, notava-se um moço de 18 annos de idade, de semblante pallido e pensativo como o do pintor Raphael; o seu olhar vivo e penetrante, fazia suppor, que a sua intelligencia vivia sempre em actividade extrema, os seus labios tinham quasi a cor desbotada do seu resto, os cabellos eram louros; esse moço chamava-se Arthur.

Quantas vezes, nas horas da solidão, não dei-

xava Arthur a sua casa, e ia, só, passear pela praia para ver a desgraçada douda!

Sentia tanto prazer, tanto contentamento quando via essa mulher, que esquecia-se de tudo, e vagando pelos montes vizinhos, procurava sempre approximar-se dessa infeliz, da qual todos fugiam como se fosse um ente amaldiçoado por Deos.

Muitas vezes estava a douda ajoelhada nas areias da praia, Je Arthur á alguma distancia permanecia estatico e firme, como se fosse uma figura de pedra; então como que despertando de um profundo lethargo, dizia, cheio de febre:

— Ah! como é linda, como n'aquelles olhos se lê o sofrimento e o martirio, que semblante de santa! filha da dor, deixa-me olhar-te agora e sempre! E terá ella fome, terá sede?

E o moço ia se approximando da douda, porém essa desditosa mulher, assim que percebia que alguem a observava começava a correr, e desapparecia no meio das arvores.

Arthur triste e pensativo procurava então a casa, e quando ahí chegava encontrava Martha á janella, parecendo esperal-o com sofridão.

Martha tinha 20 annos. Os olhos asues, os cabellos louros e finos, o nariz aquilino, a fronte larga e alta, a tez clara e corada, faziam logo suppor que essa moça era de origem Saxonica; com effeito seus pais eram ingleses.

Mister Andrew, pai de Martha, residia com a sua familia em uma chacara a pouca distancia da praia de Copacabana; Arthur alugara em casa de Mister Andrew um quarto onde habitava. Em breve a boa educação, o genio affavel e humano de Arthur o fizeram estimado de toda a familia, de sorte, que apesar de ter o seu aposento separado vivia sempre em commun com os pais de Martha.

Martha começou a sentir sympathia por esse moço tão bom e honesto, e que como se fosse um membro da familia, tomava parte em todos os pesares e em todas as alegrias das pessoas dessa casa.

Mas nem sempre os corações se comprehendem; se Martha parecia sympathisar com Arthur, e lhe tinha mesmo amor, esse moço antipathisava com ella, ou ao menos não sentia no coração inclinação alguma pela filha Mister Andrew.

Martha já tinha notado essa repulsão do coração de Arthur, e cheia de ciúme procurava achar o motivo da rejeição do seu amor.

As vezes o amor despresado como que se activa mais, e assemelha-se a um fogo, que arde, ainda que lhe lancem agua em cima.

O despreso de Arthur fez crescer o amor de Martha.

Essa moça consultava todos os dias o seu espelho, para que esse seu amigo fiel lhe dissesse, se o seu rosto era tão feio, que não podia atrair um coração de moço; e ou pela sua vaidade de mulher, ou na realidade porque era formosa, o que é certo é, que Martha tinha convicção todos os dias de que era moça bonita. Entretanto encontrava cada dia em Arthur mais indifferença e friesa.

Amando sempre a esse moço, e vendo o seu amor despresado, julgou que isso provinha de haver já alguma mulher, que tivesse se apoderado do coração de Arthur; então cheio de ciúme pelo seu amante, como Moe-ma por Diogo Alvares, tratou de lançar mão de tudo para descobrir a sua rival.

A mulher que tem ciumes, não perde uma palavra, um gesto, daquelle á quem ama, para vêr se assim pôde descobrir o segredo, que a alige, se pôde conhecer a sua rival.

Martha começou a notar, que todas as noites Arthur desapparecia de casa, e quando voltaava, já bastante tarde, mostrava-se mais triste e melancolico do que era, e fallava repetidas vezes da pobre douda, que vagava por aquellos arredores. Bastou isso para atear mais o ciúme de Martha, e para essa mulher suspeitar que a sua rival era essa infeliz, que vivia chorando pelos bosques e pelas praias.

Se o amor de Martha era ardente, o seu ciúme tornava-se desesperado, e essa moça tratou de perseguir essa desgraçada douda. A filha de Mister Andrew julgando a pobre douda muito inferior a si, jurou vingar-se dessa mulher vagabunda, que ousava apresentar-se como sua rival. O ciúme cega a mulher, e as vezes faz de um anjo um demonio.

Martha não descansou mais; julgou que Ambrosio podia servir de instrumento a sua vingança, e assim mandou chamar a esse pescador, que habitava na praia da Copacabana. Cheia de ciúme e de odio disse-lhe:

— Tio Ambrozio, quero pedir-lhe um favor.

— Ah! senhora Dona, o pescador Ambrosio é seu criado.

— Sabeis que nestes arredores existe uma mulher, que anda vagando pelas mattas e pela praia, como se fosse uma ave de arribação?

— E' verdade, dizem que é o diabo, e assim é!

— Qual, é uma feiticeira.

— Mas eu lheuento; no sabbado, dia de Nossa Senhora, falei com o compadre Caetano, e determinei com o meu remo pôr esse phantasma fino como o cabo de um navio; dirigi-me para a ermida; a noite estava es-

cura, e era quasi meia noite, hora amaldiçoada; quando ia subindo o pequeno monte, encontrei-me com um vulto, alto como um mastro! feio como um defunto; ah! então comecei a tiritar como se tivesse de morrer de frio; entretanto o suor corria-me pelo corpo, como se eu já estivesse metido dentro em alguma caldeira do inferno. Creia-me vossa mercê, era o diabo que me tinha aparecido. Quando me pude ver livre da tal pés de cabra, dei graças a Nossa Senhora da Boa-Viagem. Ah! minha senhora Dona, em outra não me metto eu!

— Tudo isso proveio do susto que tivestes.

— Por Deos lhe juro, minha senhora Dona, que tudo foi tal e qual.

— Mas hoje a noite está clara, irás lá, e levarás estes doces e estas frutas. . .

— Para quem, para o diabo?

— Não, tio Ambrozio. Sei que algumas almas caritativas levam refeição à douda, e a deixam ficar junto a ermida de Nossa Senhora; o mesmo fareis vós, tio Ambrozio.

— A avó deste seu criado sempre me dizia — tenhas medo de doudos e do demônio. Mas então vossa mercê tem dó dessa mulher, que, dizem, anda cantando de noite como se fosse um bacuráu?

— Tenho ódio. Esses doces e essas frutas contém veneno...

— Estou vendo que o bixo não morre com o veneno; e se elle me torna a aparecer?

— Deixai de pensar em bruxarias. Hesitais em fazer o que eu vos peço, entretanto quando chegastes, no sabbado, à vossa casa, não achastes morto o vosso filho?

— Por Nossa Senhora, que é verdade.

— Pois se o vosso filho morreu foi pela maldição dessa mulher. Um dia antes passara ella pela vossa porta...

— Ah! se assim é, aquella coruja não me escapa.

Ambrozio tirando de dentro do seu chapéu um lenço de aleobaça, amarrou dentro delle as frutas e os doces, que recebera de Martha, fazendo uma trouxa e atando-a no seu bordão o collocou sobre os hombros.

— Descanse minha senhora Dona, que hei de executar as suas ordens.

E Ambrozio despedindo-se de Martha, foi dizendo estas palavras:

— Prepara-te, bruxa! aqui te levo uma boa merenda!

Arthur que ouvira toda a conversa de Martha com o pescador, assim que este saiu, tratou de seguir-o para ver se salvava a infeliz douda. Quando o moço ia chegando à praia, encontrou com um velho, que estava sentado em uma pequena pedra.

O velho assim que viu Arthur levantou-se.

— Onde ides, moço?

— Vou salvar a uma infeliz.

— Esperai.

— Não, deixai-me ir.

— Tenho que dizer-vos, Sr. Arthur.

— Conheceis-me?

— Assim como conheço a pessoa que querem salvar.

— E quem sois?

— Logo vos direi.

— E não vos interessais por essa desgraçada mulher?

— Muito, Sr. Arthur.

— Arma-se uma grande traição a esta infeliz, é preciso soccorrel-a.

E Arthur relatou ao desconhecido tudo que se passara entre Martha e Ambrozio. O velho interrompendo disse-lhe.

— Socégai, ahi vem Ambrozio; e o desconhecido foi se dirigindo para a ermida.

Ambrozio tendo chegado perto da capella, depoz no chão, junto da parede da ermida, o que recebera de Martha. Quando se ia retirando, o velho envolvendo-se no seu longo capote, exclamou com voz forte e aspera.

— Maldito, persegues a uma inocente. Ah! o demônio te persiga também. E tomou a sua espingarda a disparou, fazendo pontaria para uma árvore. Com o estrondo do tiro, Ambrozio, que já estava assustado, desmaiou, e rolando pelo outeiro, veio cahir à praia.

Não se soube mais o que foi feito delle; talvez que alguma onda arrebatasse o corpo do desgraçado.

O velho lançando ao mar o que Ambrozio trouxera, foi ter com Arthur, que o esperava na praia.

— O que fizestes senhor? matastes o pobre homem?

— Não o matei, atemorizou-se com o estrondo da espingarda, e perdeu os sentidos.

— Era um infeliz pescador.

— Sim, um timorato, um homem ignorante e máo. Mas dizei-me, Sr. Arthur, interessais-vos muito pela douda?

— Ah! meu velho, se eu a amo tanto como se fosse minha irmã, minha amante, ou minha mãe!

— Desejais conhecê-la?

— Sim, porque adoro a essa mulher!

— Pois vou contar-vos a sua historia, mas acendamos antes os nossos charutos.

Em quanto o velho tratava de tirar fogo com o fuzil; a douda apareceu junto da ermida de Nossa Senhora da Copacabana, e co-

meçou a repetir a sua triste e melodiosa canção.

Morreu meu filho no mar,
Mas que digo? o vi nadar
Sobre as asas de um anjinho;
Porém lá vejo boiando,
No mar se vai mergulhando...
Coitado, morreu sosinho!

(Continua).

Amor e morte.

(LENTA.)

As flores coradas e brancas, rosas e lyrios com seus perfumes que sobem ao céo e vão beijar os pés do Eterno — são a imagem da felicidade e da melancolia. O rubor da rosa é a cõr do prazer e da ventura, a pallidez do lyrio é a cõr da tristeza merencoria.

E as flores dizem um sorriso dos anjos; uma prece das donzellas, um canto de harmonias que se eleva nas azas do vento ao firmamento fulgurante de estrellas, que o sultão do dia com sua luz esconde de nossos olhos.

Houve um tempo em que elas eram todas rubras, todas faceiras e sempre altivas reinando n'um jardim de enleios — eden que prendia os corações com seus sorrisos e mimos de amores.

Esse tempo em que a felicidade persistia na terra como esses lyrios que então eram todos rosados e não lividos pelo halito da morte... era o tempo em que os murmurrejos da brisa no seu assoviar traziam os segredos dos archangels, em que o mar todo deslisava manso e brando no seu leito com suas aguas prateadas e lindas soluçando sempre, mas soluções de ventura que se escapavam de seu seio diamantino; era o tempo em que tudo dizia harmonias, n'uma oração fervente... era o tempo das fadas, dos sorrisos.

Eram fadas de meiguice porque existiam na terra, que era tão feliz como os Elyeos, que os Gregos sonharam porque elas só trabalhavam para o bem dos homens.

E depois veio o furacão da desgraça e tudo arrebatou nas suas azas negras.

Os segredos da fada rainha foram roubadas e a ventura se escapou nas azas de um vampyro da terra outr'ora cercada de amores e radiante de encantos.

E os phantasmas lugubres vieram habitar o mundo.

E os homens ficaram maus; quasi que as

reminiscencias desses tempos se lhes tinham riscado da lembrança.

Elles agora só buscavam sangue, porque o sangue era seu pasto, porque a carne do morto era seu manjar delicioso, porque o anjo da maldição lhes soprara no seio, sua sentença infernal.

E todos os bens se esqueceram. Na masmorra do olvido aferrolharam todo o seu passado para só curar no presente sanguinolento e negro.

E apenas alguns velhos que o anjo do extermínio depresara recordavam sua felicidade passada.

E entre elles havia um que contava a história das suas desventuras, um que vira o vampyro roçar suas azas lugubres de encontro ás vidas da felicidade.

E elle triste... triste cantava de noite e de dia essa cantiga de melancolia:

Era um dia, então as almas
Só palpitavam de amor,
Nos lagos mansos de prata
Faceira boiava a flor,
Mergulhava o aleyon nas ondas
Desse leito de ventura...
E a morte co'as azas negras
Roçando o lago de prata...
Nas azas trouxe amargura!

Fagueiras auras celestes
Os lyrios de amor beijavam,
No níveo calix da rosa
Veloses ai! se aninhavam!
E as brisas doces sorviam
Das flores toda a doçura...
E a morte co'as azas negras
Roçando os lyrios mimosos...
Nas azas trouxe amargura!

Era um dia... em linda ilha,
Em linda ilha de encantos,
Onde amor — só tem dulcores,
Tem risos — mas não tem prantos,
Habitava — em throno d'eiro
Da branda ventura — a fada!
— E a morte co'as negras azas
Roçou; e perdeu os risos
A linda ilha encantada.

No cinto branco de espuma,
A fada trazia o riso,
No carcaz trazia as frexas
Que fazem perder o juizo,
Mas essa frexa era branca
Como a innocencia nevada...
E a morte com seus sorrisos
As frexas envenenara
Da linda deosa engracada.

Um dia... no throno d'ouro
Da nympha dos mares bella,
Penetra o anjo da morte
Nos andrjos de donzella.

— Penetra... e ao manso lago
Que nuvem negra encobri?..
E a morte... roçando as azas,
Vendo crespo o manso lago
De prazer logo sorrio.

De luz cercada e de encantos
Em ancias arfa-lhe o seio,
E ella sonha puros sonhos
Nesse brando e doce enleio;
E o lindo alcyon dos amores
Soltou um grito e cabiu!
E a morte — batendo as azas —
No gemer do alcyon formoso —
De prazer logo sorrio.

E' noite — E a fada adormece
Nos braços de um sonho lindo! —
E a morte envenena as frexas,
E as envenena sorrindo!
No prado cahe suspirando
N'um gemido a triste flor!
— E a morte — roçando as azas —
Vôa — vôa para longe... —
Nas azas levando o amor!

E a ilha desapparece,
Que a desterrou um tufão!
Era a morte que a levava
Nas azas do furacão!
As selvas todas murchecem,
Perde o lyrio a sua cõr!
— E desde então — em suspiros
Geme o peito que enamora,
Pois vem a — Morte — no — Amor! —

E o velho callou-se. Uma lagrima brillante
rolou-lhe silenciosa pela face, talvez a ultima,
soluçou e cabio murmurando:

— E desde então — em suspiros
Geme o peito que enamora,
— Pois vem — a Morte — no — Amor! —

J. J. C. DE MACEDO JUNIOR.

As cabelleiras.

A cabelleira é uma carapuça de cabellos pos-
ticos, que muita gente boa traz sobre a ca-
beça.

Carlos V, o grande imperador, que foi se-

nhor da metade do mundo conhecido em seu tempo, quando se foi coroar na Italia, viu que a corda era grande para a sua cabeça, e então para que essa corda lhe ficasse firme sobre a testa, mandou fazer uma cabelleira, e dari nasceu a moda de usar-se de cabelleira.s

Outr'ora nas antigas cortes não se via um fi-
dalgo que não trouxessem uma longa cabelleira,
coberta de polvilho, e com o seu competente
rabicho!

No tempo de Luiz XIV usavam-se de ca-
belleiras muito volumosas, pois então, como diz
M. Velles, todos queriam inculcar que tinham
talento, que eram cabeçudos!

O proprio rei Luiz XIV trazia uma enorme
cabelleira, e Binette, seu cabelleireiro, dizia
que com prazer losquearia todos os homens para
ornar a cabeça de seu senhor!

Hoje as cabelleiras são usadas pelos carecas,
por alguns velhos, que tendo a cara murcha
e o corpo vergado pelos annos, e pelas mo-
lestias, revoltam-se contra os cabellos brancos,
e tambem por algumas senhoras, que procu-
ram occultar assim o cabello curto e feio, que
Nosso Senhor lhes deu!

Quantas ha por ahi, que apresentam cabel-
los pretos, luzidios e extensos, como os da tran-
ça monstro, que esteve exposta na vidraça do
Sr. Beaumelly, e entretanto tudo é postigo!
Se tirassem a cabelleira, ver-se-hia uns ca-
bellos arripiados, vermelhos como fogo, ou
brancos como uma peça de morim!

Talvez então se pudesse dizer como o poeta:

Por fóra muita farofa
Por dentro mulumbo só!

Em 1804 houve quem desse por uma ca-
belleira velha de Kant 32\$; tambem em 1822
um inglez comprou por douz mil cruzados uma
cabelleira usada, que fóra de Sterne!

Os cometas tambem usam de cabelleira, e ha
alguns que tem cabelleira de mil e duzentas le-
guas de comprimento! Ao ver-se um irmão de
Baccho, cambaleando como o menino quando co-
meça a andar, dando encontrões pelas portas e
paredes, diz-se logo — que cabelleira tomou
aquele borracho!

Certas calvas de cabeças, luzidias como uma
bola de marfim, usam de cabelleira, e se assim
não fosse, teriam de trazer a calva a mostra, o
que seria máo pelos defluxos que poderiam so-
brevir e *et cetera*.

M. DE AZEVEDO.

Revista de theatros.

Sumario: — **GYMNASIO DRAMATICO:** reflexões philosophicas a propósito de um *asno morto*; sabbado passado; um drama *a voo de passaro*; *applicacion del cuento*; romantismo e realismo; tradução e representação. **THEATRO DE S. PEDRO:** Colé. — Duas palavras. — Uma promessa. — Opinião do chronista sobre as cabeças loiras.

A vida, li não sei onde, é uma ponte lançada entre duas margens de um rio; de um lado e do outro a eternidade.

Se essa eternidade é de vida real e contemplativa, ou do nada obscuro, não resa a chronica, nem me eu quero aprofundar nisso. Mas uma ponte lançada entre duas margens, não se pôde negar, é uma figura perfeita.

E' doloroso o atravessar dessa ponte. Velha e a desabar ha seis mil annos tem por ella passado reis e povos n'uma procissão de phantasmas ebrios, na qual uns vão colhendo as flores aquáticas que reverdecem a altura da ponte, e outros affastados das bordas vão tropeçando a cada passo nessa *via dolorosa*. Alinal tudo isso desaparece como fumo que o vento leva em seus caprichos, e o homem à semelhança de um charuto desfaz a sua ultima cinza, *quia pulvis est*.

Este resultado por pouco doce que pareça é comtudo evidente e inevitável, como um parasita; e a minha amavel leitora não pode duvidar de que no fim da vida está sempre a morte. Eschylo já no seu tempo perguntava se o que chamamos morte não seria antes a vida. E' provavel que a esta hora tenha tido resposta.

São reflexões philosophicas de muito peso e que me ferveram cá no cerebro a propósito de um *asno...morto*, minhas leitoras. Foi sabbado passado, no querido Gymnasio, onde é provavel que estivessem as cabeças galantes que me cumprimentam agora nestas paginas.

O *Asno morto* é um drama em cinco actos, um prologo e um epilogo, tirado do romance de *Jules Janin*, do mesmo titulo.

Como me ocorreram reflexões philosophicas a propósito de um *asno*, em vez de divagações amorosas, a propósito dos olhos que estrellavam a sala por lá, não sei. Do que posso informar à minha interessante leitora, é que o drama de *Barrière*, além de ser um drama completo, completo até nos desfeitos da escola, é uma demonstração daquella ponte de que fallei ao abrir esta revista.

Mais tarde *applicaremos el cuento*.

Por agora encoste-se a leitora no fofo da sua poltrona com toda a indolencia daquella *baigneuse* de V. Hugo, e procure grupar co-migo as diversas circumstancias que formam o pensamento do *asno morto*. E' um tra-

lho doce para mim e se o fôr para a minha leitora, nada teremos a invejar de Goya. Mãoz a obra.

Henriqueta Bernard é uma rapariga aldeã que vivia no regaço da paz em casa de seus paes, um honrado vendedor de trigos, e uma matrona respeitável, a Snra. Marta. Um camponio da vizinhança, está apaixonado pela menina Henriqueta, e vem pedil-a aos bons e velhos aldeões. Estes dão o seu consentimento. A menina porém está apaixonada por sua vez por um Roberto que lhe soube captar o coração, e que nada tem de camponio. Entretanto accede á vontade de seus paes.

Um pacto occulto prende este Roberto a um tal Picheric, cavalheiro de fortuna, espadachim consumado, alma de pedra, carácter repugnante, maneiras de tartufo, e um sangue frio digno de melhor organisação. Não tendo nada a perder, mas tudo a ganhar, este homem arrisca tudo, e não se lhe dá dos meios, visando o fim; acompanha a Roberto por toda a parte, como o seu Mephistopheles e tendo descoberto os amores do seu companheiro trata de affastal-o. Roberto porém não tem vontade de pôr um ponto final ao seu idyllo — e como que lhe luz um pouco de ouro no meio da terra grosseira que lhe enche a ambulativa.

Levado pelo amor escreve um bilhete que faz passar por baixo da porta de Henriqueta.

E' occasião de fallar do estrangeiro.

O estrangeiro é uma figura grave e circumspecta que negocios politicos trouxeram pela estrada fora, e que um temporal repentina levou á cabana do vendedor de trigos. Um olhar profundamente magnetico faz deste homem um ente superior. A primeira vez que se encontrou só com Henriqueta na sala da cabana, exerceu elle a sua ação sympathica sobre ella por intermedio da qual posse em contacto com occurrencias absolutamente estranhas ao drama. Senhor agora da intenção de Roberto, por vel-o colocar o bilhete debaixo da porta de Henriqueta, elle impede que essa menina vá á entrevista que se lhe pede, fazendo cahir sobre ella o peso de seu olhar attrahente.

O prologo acaba aqui. — « Vais ver em sonhos, diz o estrangeiro, o que te sucederia se fosses a essa fatal entrevista. Entretanto vou escrever a meus amigos.

Os cinco actos são uma serie de acontecimentos terríveis, de atribulações amargas porque a pobre menina teria de passar. Primeiro a deshonra, mais tarde quasi uma maldição; estes succumbem, aquelles suicidam-se, é uma procissão de terrores que tem a infelicidade de não ser nova no mundo real. No meio disto tudo, dou-

meliantes que vão á cata de fortuna e posição que procuram pelo jogo e pelo assassinato, o punhal e o baralho, a cuja invenção deu causa um rei maluco, como a bella leitora sabe. Esses dous vâores sem probidade são Picheric e Roberto; Warner e Julio.

O epílogo começa pela derradeira situação do prologo; o estrangeiro lacra a sua ultima carta, defronte de Henrique que se debate em um pesadelo, o final do acto 5.^o — Elle levanta-se e accorda-a. E' uma bella scena. Henriqueta reconhece a realidade, que seus pais estão vivos, e livre de seu sonho terrivel abraça-os. Roberto aparece então a dizer a Henriqueta que debalde esperara no lugar por elle indicado; mas ella a quem no seu pesadelo se revelara um futuro terrivel — aceita com toda vontade a mão de Mathurino, o camponio que a pedira no prologo. Repellido por ella, e descoberto na aldêa elle procura fugir a instancias de Picheric, mas cahé nas mãos da polícia, que apareceu tão a horas, tão opportuna, como não acontece cá pelas nossas bandas.

Tudo se regosija, e o drama romantico em todo o seu correr — acaba n'uma atmosphera profunda de romantismo.

Descontado o acanhamento do artista, a leitora tem nesses traços vagos e tremulos uma idéa approximada do drama. Passamos então á *aplicacion del cuento*.

O que é esse prologo de uma vida placida e tranquilla, e esse epílogo de identico aspecto senão as duas margens desse rio de que falei? Os cinco actos que mediam, esse pesadelo terrivel de Henriqueta são uma imagem da vida, *sonho terrivel que se esvae na morte*, como disse o emulo de Ovidio. Creio que é facil a demonstração.

Eis ahi pois o que eu acho ainda de bom nesse drama, e se não foi a intenção de seus autores foi um acaso feliz. Desculpem as leitoras esta relação subtil que encontro aqui, mas é que eu tenho a bossa do philosophismo.

O asno morto pertence a escola romantica e foi ousado pisando á scena em que tem reinado a escola realista. Pertence a esta ultima por mais sensata, mais natural, e de mais iniciativa moralisadora e civilisadora. Comtudo não posso deixar de reconhecer no drama de sabbado passado um bello trabalho em relação á escola a que pertence. *Os dous renegados* é sempre um bello drama, mas que entretanto é todo banhado de romantismo. *O seu a cujo é*, dizem os legistas.

A traducção é boa e só notei um *engage* que me fez máo effeito; mas são cousas que passam e nem é de suppor outra cousa tendo-se ocupado desse trabalho importante a Sra. Velluti.

A representação foi bem, mas primaram os Srs. Furtado Coelho, Moutinho, Joaquim Augusto, Helter e Graça. O Sr. Moutinho foi perfeito sobretudo no quarto acto, apezar de seu papel tão pequeno. O Sr. Furtado Coelho na morte do quinto acto esteve sublime e mostrou inda uma vez os seus talentos dramaticos. O Graça é sempre o Graça, um grande artista. N'um mesquinhão papel mostrou-se artista, e como leiloeiro, não esteve abaixo de Cannell ou outro qualquer do officio.

A Sra. Velluti, no papel difficult e trabalhoso de Henriqueta esteve verdadeiramente inspirada e mostrou, como tantas vezes, que possue o fogo sagrado da arte.

Ha talvez observações a fazer, mas o longo desta revista m'o impedem e eu tenho pressa de passar ao theatro de S. Pedro.

Dê-me a leitora o braço, e desprendendo-se... mas agora me lembro: no *asno morto* que descrevi viu a leitora tudo menos o asno. E' culpa minha. *O asno* é um quadrupede (ha-os bipedes) que pertence ao velho vendedor de trigos, e que morre no correr do drama, revivendo porém no epílogo, por isso que morreu nos sonhos de Henriqueta.

Como se prende aquelle *asno morto* ao drama, não o sei eu, é segredo do Sr. Barrière e seu collega.

Dê-me a leitora o braço e vamos ao theatro de S. Pedro.

Deste theatro pouco tenho a dizer.

Estou ainda debaixo da impressão do excelente drama do nosso autor dramático o Dr. Joaquim Manoel de Macedo, — *Cobé*. — Foi alli representado, no dia 7 de Setembro, grande pagina da nossa primeira independencia.

E' um bello drama como verso, como accão, como desenvolvimento. Todos já sabem que o autor da *Moreninha* faz lindissimos versos. Os do drama são de mestre. Um pincel adestrado traçou com talento os caracteres, desenhou a situação, e no meio de grandes bellezas chegou a um desfecho sanguinolento, nada conforme com o gosto dramatico moderno, mas de certo o unico, que reclamava a situação. E' um escravo que ama á senhora, e que se sacrificia por ella — matando o noivo que lhe estava destinado, mas a quem ella não amava de certo. Essa moça, Branea, ama entretanto a um outro, e Cobé, o pobre escravo — a quem uma sociedade de demonios tirara o direito de amar, quando reconhecia (ainda hoje) o direito de torcer a consciencia e as faculdades de um homem, Cobé sabe morrer por ella.

Como vê a minha leitora, respira um grande principio democratico o drama do Sr. Macedo: — e se a minha leitora é do mesmo credo estamos todos de acordo.

Mais de espaço, fallarei minuciosamente do drama do Sr. Macedo. Esta semana foi toda de festeiros e eu andei, desculpe a comparação, n'uma dobradoira.

Por agora vou dar o meu ponto final. Descanse os seus lindos olhos; e se gostou da minha prova espere-me domingo.

Não é bom cansar as cabeças loiras.

M-as.

O pranto da innocencia.

Quando scismas, donzella, no teu rosto
Que linda per la suspirando corre !

— Pranto doirado que não diz desgosto,
Que n'um sorriso no teu seio morre !

Mimo dos anjos que tua alma prende
Aos céos ridentes n'esse doce encanto,
Lagrimas d'ouro que teu peito incende,
Que o amor celeste se traduz n'um pranto !

E a gotta pura vem cantar um hymno
Que os anjos n'alma te murmuram rindo,
Perola branda diz um som divino
Que o peito entoa em murmurejo infindo !

Bella — do altar de teu virgineo seio
Deixa esse orvalho de dulçor correr;
Minh'alma treme n'esse brando enleio,
Ai ! vai por elle nos teus pés morrer !

Chora ! a innocencia te sorri no choro,
São risos virgens de infantis amores,
São doces hymnos de um celeste coro,
Dizem — enleios — mas não dizem dores.

Teu pranto puro beberão os anjos
N'um doce anceio de innocentemente medo,
Teu sol — ó virgem — só serão arcanjos
— Teu labio os beije no infantil segredo.

Chora, donzella; de teu niveo seio
Deve esse orvalho de dulçor correr;
Minh'alma treme n'esse doce enleio,
Vai por teu pranto nos teus pés morrer !

MACEDO JUNIOR.

O retrato de Corina.

Eu vi Corina risonha,
Por que ha pouco a retratara
Um vate em versos brilhantes,
E em vez de tirar-lhe a cara
Pol-a a fazer *carantonha*,

Amo a Corina, coitada,
E tão bella, meiga, doce !
E o não faria por certo
Se por ventura ella fosse
Tão feia como é pintada.

Principia logo a asneira
Na pintura dos cabellos;
Diz o vate serem d'ebano,
Como se fossem mais bellos,
Sendo feitos de madeira.

Diz mais o barbaro artista,
Que os olhos são de esmeralda,
Por terem de verde um tom ;
Como se pedras (que balda!)
Pudessem gozar de vista.

Para ainda aborrecer,
Diz que nos olhos ha fogo !
Vejam bem, que disparate:
Se são brasas posso logo
O meu charuto accender.

Diz mais o famoso esboço
Que é como o do cysne o colo !..
E, Corina, nem reparas,
Que em teu retrato esse tolo
Põe-te pennas ao pescoço !

Não reparas que elle diz
Que as faces são de carmim,
Como se fossem pintadas,
Havendo quem julgue, assim,
Que não tem proprio matiz.

Esses dentes, meus feitiços,
Que primam pela bondade
(Diz elle) são de marfim.
Pôde ser, e se é verdade
Concluo, que são posticos.

Diz mais que n'um teu sorriso
Brincam alados Amores',
Que algazarra de crianças !
Estes poetas-pintores
Tem coisas que causam riso.

Regeita pois, Corina, a extravagante,
Disparatada e horrida pintura;
Vem nos meus olhos ver o teu semblante,
São fieis como espelho ou lympha pura.

Isso é melhor, callado e muito a gosto;
Não te direi poetica sandice,
E tu tambem tranquilla de teu rosto
Contemplarás as graças e a meiguice.

Para que os traços sejam semelhantes
Chega o teu rosto ao meu; serei exacto;
Se te roubar um beijo não te espantes
Que o tomarei por paga do retrato.

Chronica elegante.

O paquete que tão ansiosamente aguardavam os chegou enfim, e com sua vinda trouxe-nos mais uma esperança de agradar ás nossas bellas leitoras.

E certo que a festa para ser de gosto deve ser perfeita; assim na nossa chronica faltava uma grande causa, o melhor d'ella, indispensavel, e principalmente para nós que entramos em campo apenas com a esperança de que com os bellos olhos das nossas leitoras — tendo um sorriso de benevolencia para nós exprimissem alguma causa de intimo que significassem um: — ceitado, ao menos esforçar-se !

Os lindos labios que pronunciam nossas palavras escriptas teriam talvez dado a perceber essa falta; e nós o sentimos e prometemos arranjar melhor o pobre festejo.

— Erao os figurinos.

Ora o original de nossas pinturas fracas e sem perspectiva, era o agradavel para a vista das leitoras!

Hoje, pois, começaremos sua distribuição.

O nosso correspondente, que, como diz o povo tem dedo para o negocio, remetem-nos em diferentes gostos o que de mais moderno se usava, mandando-nos porém recommendar que se são elles da ultima moda, usam-se comtudo lá desde o anno proximo passado. Com esta recommendation não nos importemos. São da moda? são ainda do ultimo gosto? Então venham, as bellas leitoras apreciem-n'os, se ainda não os viram.

Foi pois a moda, foi a elegancia que o paquete trouxe consigo, foi portanto o pomo de *Paris* que foi transportado de *Paris* ao Rio de Janeiro.

A beleza e a moda são deusas caprichosas e terríveis! Com ellas admira extremamente que o vapor tivesse chegado sô e salvo — com semelhantes feiticeiras. Quem sabe? poderiam as cabeças dos marinheiros andar passeando pelas ruas de Paris, como a do X. de Maistre andava fazendo a volta do mundo. De marujas que eram viravam em lords e dandys. As cordas dos navios parecer-lhes-hiam feitas de velludo para adorno dos trajes de suas bellas, ou mesmo alguma gravata bordada para um baile; as velas do navio, os ricos toilettes de suas Phrynés, o orvalho salgado do mar, o orvalho dos beijos de alguma nympha e... e elles se perderam irremediavelmente vista d'essa miragem encantadora e revolucionaria.

Era sem duvida mais embriagante do que o rhum de Jamaica que elles teriam bebido em terra.

— Mas enfim com o riso nos labios, o viço na faces, a alegria nos olhos, — eis-os que chegarão — os marinheiros e os nossos figurinos, que é mais importante.

A belleza e a elegancia são egoistas, e por isso é que houve o *imbroglio* todo entre as tres famosas Deusas, e nós agora, humildes servos, por amor de nossas leitoras, só por amor dellas — também o somos. De ordinario o nosso coração é do mundo inteiro que o quizer tomar.

— Em Paris, como de costume, ácima da politica e atú ácima da litteratura está a moda.

E' por isso que os — espléneticos — Ingleses chamam os Francezes de macacos. Si o são — ao menos são monos de bom gosto — seja o dito por amizade á verdade.

Mas é preciso dizer-l-o, na nossa opinião são macacos, mas tambem são tigres:

Moit é tigre, moitié singe, disse o Voltaire.
Voltemos á moda.

Fallavamos na soberania della.

Quem sabe mesmo si a moda não forma uma litteratura, e toda Lamartiniana?

E deve de ser bem elegante, bem sentida !

A cintura fina e gentil de uma virgem, apertando o seio por um corpinho interessante e bem feito, os braços nus apparecendo entre as mangas largas que o vento sacode, o arredondado de um balão, — tudo isso não é uma poesia, e uma poesia que não são só os ouvidos que escutam, que penetra no intimo do coração e lá vai inflammando delicias!

Os pensamentos voluptuosos confundem-se no cerebro; e muitas vezes está irremediavelmente perdido o nauta que se deixa prender no seu lago de esmeraldas por essa poesia, esse magico canto de sereia !

E verdade. Traz-nos arripilações até os medula dos ossos !

E quantas vezes frontes largas e talentosas de vinte annos não tem pendido ao pensar n'essa cintura e ao lembrar-se de que poderiam apertar aquelles cabrinhos.

Quantos mancebos ardentes e cheios da vida da intelligencia desesperados querem bradar pela razão que succumbe sem avistar lá na extremo do horizonte uma luz baça e tremula, e perdendo-a, sem um phanal ao menos — olham o cano da pistola que lhes sorri no meio das convulsões, e — trovadores de um amor louco — vão rolar no pó gelado dos tumulos!

Quem sabe? — a moda é a poesia do amor, mas tambem ás vezes é a alma do suicidio! — Mas, é preciso notar, apezar de ser ás vezes — a alma do suicidio — não é comtudo menos agradavel, e principalmente para as almas ardentes, apaixonadas e romanticas.

— Vamos, porém, à vacca fria. Não queremos que o petisco gele... em tão pouco tempo esfriou!... Ah! é verdade, foi com o gelo de nosso devaneio!...

— Como dizíamos — temos os figurinos que ali vão e d'elles extraímos o que ha de melhor.

Compõe-se de diferentes *toilettes*; de noivados, passeio (no campo ou na cidade) visitas e bailes.

— Como toda a moça o que aspira em primeiro lugar é — o casamento; — como elle é o seu sonho da noite, o seu sonho do dia — a sua ambição — começemos por elles, como desejamos que antes dos vinte annos esteja quemado o incenso que accenderam durante os sete passados.

— O *toilette* de noivado usa-se assim: — Um saíote aberto na frente, cercado de fofos, as mangas muito largas, como dissemos na chronica passada, também cercadas de fofos semelhantes aos do saíote; sendo as mangas da farda do vestido com manguitos; o corpinho é feixado com cabeção que vem até o cinto, onde se prende por um laço de fitas, cujas pontas prendem ao comprido do vestido. O véo preso à cabeça pela coroa das noivas cahé pelos homens.

Temos ainda outro *toilette* de noiva; apresenta o véo com uma diferença do primeiro; em vez de ser preso na trança do cabello, é, preso na frente pela coroa de noiva, de flores de laranjeira. O vestido cheio de volantes uns aos outros presos por laços de fita; com quanto as mangas deste sejam também largas a Candiani, como antigamente diziam, não tem com tudo os punhos que no outro vemos.

— Outro *toilette* de noivado apresenta-nos as mangas extremamente largas, presas no punho. Traz *basquini*. No nosso gosto não achamos este tão bonito como os outros. E' mais próprio para aquellas moças que, querendo fazer cintura fina, e não desejando mostrar os rasgões do vestido, usam desta máscara.

Isso não se entende com as nossas leitoras. É necessário notar que n'esses *toilettes* não se usa do *balão*. E' mesmo melhor a simplicidade em quem está no caso das noivas. Certas conveniências e dificuldades... que não podemos nomear...

Já vêm as leitoras, futuras esposas, que aqui tem excellentes modelos.

Vamos agora aos *toilettes* de passeio.

O gosto escocês predomina n'esses *toilettes*. O feitio dos vestidos é variado.

Temos aqui um de seda verde com saíote enfeitado na divisão dos pannos. O cinto é redondo com laços pendentes.

As mangas *d'elle* são abertas desde o terço superior do braço, sendo a abertura ornada da mesma fita do saíote. O corpinho é abotoado pela frente e fechado até o pescoço.

O saíote pode ser continuado do corpinho.

Neste caso será aberto na frente e não trará cinto.

Por dentro das mangas pode-se usar dos punhos presos ou soltos:

Usa-se também de vestidos imitando roupão com laços na frente desde o terço superior do corpinho. Os primeiros, porém, são os que estão mais em moda.

Os chapéos podem ser de palha da Italia ou de seda.

Chales ou manteletes de renda ou de retroz.

— De passeio ao campo temos alguns *toilettes* de seda, pela maior parte simples.

Para estes passeios usa-se mais das capas de veludo.

VISITA

Para a visita tudo deve ser bonito, pois as principaes conquistas colhem-se nas visitas. Os trofeos quasi todos tem o signal da visita.

São portanto esses *toilettes* muito lindos. São simples — porém tem a cor da alegria e da vida, posto que muita vezes tragam a tristeza. Podem ter saíote, babados ou fofos.

Os corpinhos podem ser decotados ou fechados, com pregas ou fofos, ornados de fitas ou flores, correspondendo com as que se usam nas saias, que neste caso podem ter saíote em todo o seu comprimento aberto dos lados.

BAILES.

Chegamos finalmente ao baile, — depois do casamento, o sonho da moça. Eu quizera para mim os suspiros que se estragam com elle, quizera para mim os sonhos de um minuto que as donzelas sonham só no maldito baile.

Como devem ser alegres fazem pouca diferença das de visita, pois são também, como elles, um campo de batalha para o amor.

— Em vez dos de seda são mais usados os de barege e ainda mais os de cassa branca.

As flores que se usam nos cabellos são as mesmas que ornam todo o vestido, as mangas, o corpo e a saia.

Temos alguns *toilettes* de babados cobertos de renda, mas não são estes os do ultimo tom em Paris,

Advertimos ás nossas interessantes leitoras que não é só Paris que possue destas preciosidades.

Quem quiser apreciar bem todos esses enfeites e *toilettes* é dispôr-se uma bella tarde com o ardor nos peitos, a vida nos olhos e encaminhar-se á casa de Mme. Elisa Hagué — a rival de Mme. Hortense La-carrière e Catharina Dazon.

Agora, suspirando por um suspiro das bellas leitoras — pedimos que dos gemidos que soltam com tanta ingratidão nos bailes — deixe-nos um para afogar-nos em delícias.

Até outra.

M. J.

Notícias à mão.

(CHRONICA DA SEMANA.)

Sinceramente agradecemos ás folhas diárias desta capital as benevolas expressões com que se dignaram saudar o primeiro numero desta revista. Faremos o que em nossas forças cabe para continuar a merecer-as: d'isso depende o apoio do nosso publico, depende o nosso futuro.

As notícias vindas da Europa esta semana nada adiantam ás que demos no primeiro numero desta revista.

A noticia da paz e as condições com que foi feita causaram grande excitação em toda Europa.

Em Paris os espiritos exaltaram-se á ponto de haverem em alguns bairros energicas manifestações, que perturbariam a ordem publica se não intervissem as autoridades. Entre Italianos e Francezes houveram alguns desaguados nos lugares publicos.

Na Italia deu-se o mesmo descontentamento. O conde de Cavour pediu ao rei Victor Manoel a sua demissão. O Snr. de Ratazzi foi quem organisou o novo ministerio.

Em França procedia-se ao desarmamento das tropas.

Havia chegado á Hespanha o infante D. Sebastião. Na Andaluzia apareceu uma conspiração, que foi logo abafada.

O rei de Portugal continua inconsolável pela perda de sua esposa, e o povo ainda pranteia com saudade aquella morte prematura.

« Tão jovem e tão feliz... Sempre julguei que estava muito mal, mas não pensei que fosse tanto!.. » Taes foram as palavras da rainha ao receber do seu confessor a noticia do seu estado.

Antes de morrer mandou pedir a seus paes a sua ultima benção, e teve em resposta as seguintes linhas:

« Recebemos com profundo pesar a noticia do estado de nossa bem amada filha. Se ellainda vive, nós lhe damos a nossa benção paternal. »

Estas liúbas foram um balsamo consolador para suas penas. Depois de as ter ouvido mandou chamar o seu secretario e ordenou-lhe que escrevesse « que na hora suprema a que era chegada nem tinha forças para escrever o seu nome; que lhes agradecia quanto por ella tinham feito, e desejava que soubessem que vivera um anno perfeitamente feliz com seu marido e no meio de um povo, de quem recebeu constantes provas de estima e acatamento. »

Assim finou-se-lhe o ultimo sopro de vida, lembrando-se de seu povo, de seu marido e de seus pais.

— Acha-se nesta capital o Snr. conde de Thomar, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal junto á corte do Brasil.

— O dia 7 de Setembro foi festejado com todas as demonstrações de publico regosijo.

— E' digno de censura o procedimento daquelle individuo que só vão aos theatros para neste ou naquelle actor, nesta ou naquelle actriz desafrontarem intrigas de bastidor. E tanto mais censurável é elle, quando nem ao menos atende-se as consequencias que se devem guardar em certos dias como aquelle que acabam os brasileiros de festejar.

Todo o zelo da policia nesses casos nunca é demais para impedir a reprodução de taes scenas que em geral incomodam as familias que ali vão divertir-se, perturbam a ordem e impedem o frequentador pacifico de commoda mente apreciar os espectaculos.

Suggeriram-nos estas reflexões as desagradáveis demonstrações que na noite de 7 e 8 do corrente partiram de alguns individuos que, não nos importa o motivo, entenderam que deviam desgostar uma actriz a quem elles mesmos em principio talvez fossem os primeiros a applaudir.

E tempo de acabar-se com este novo espec-
taculo revoltante e indigno de um povo civilizado.

— Hoje vão á scena no theatro de S. Januário o drama — Arthur — a comedia — O anjo da paz — e as scenas comicas — O Snr. Jose do capote e O Devoto de Bacho. —

O Snr. Arêas presta-se a tomar parte neste espec-
taculo, que por sua variedade, e esforços dos demais actores para o seu bom desempenho, deve atrair grande concurrencia.

Na próxima revista publicaremos alguma coisa a este respeito, o que não fazemos hoje por falta de espaço.